

INFORMATIVO SÃO VICENTE

PROVÍNCIA BRASILEIRA DA CONGREGAÇÃO DA MISSÃO

Aponta pra fé e rema 



“E fora do story, você está bem?”

Mas acontece que Mark Zuckerberg acordou de mau humor naquele dia. Talvez fosse o frio, uma briga com sua esposa Priscila ou a queda repentina do valor de suas ações na Nasdaq, não sabemos o real motivo que causou a zanga do Markinho. Só sabemos que, de tão apoquentado que estava, ele resolveu desligar todas as redes sociais que estão sob seu controle. Bastou ele apertar um botão e WhatsApp, Facebook e Instagram já não se encontravam disponíveis para mais ninguém.

Enquanto isso, no convento da Congregação dos Monges Contemplativos das Redes, uma verdadeira hecatombe estava por eclodir, assim que os coirmãos daquela casa se dessem conta do branco virtual que estava por vir.

Naquela manhã, o Pe. Pedro Narciso, CMCR, acordou especialmente animado, tomou seu banho, aparou meticulosamente a barba, passou aquela pomada no cabelo para deixá-lo parecido com o do Pe. Fábio de Melo, a quem idolatra em segredo, e vestiu seu hábito mais bonito. O sol adentrava em sua cela hermeticamente distribuído pela persiana semiaberta, gerando uma luz maravilhosa para uma selfie. Fez várias poses e, depois de cem tentativas, conseguiu uma imagem que, conforme seu julgamento, ficaria perfeita no Instagram. Faltava agora uma legenda, para fingir um motivo intelectual, nesta solene ocasião de postar a própria cara na rede social. Depois de pensar por uma hora, escolheu: “Só sei que nada sei. (Sócrates)”. Se sentindo belo e inteligente, acessou o Instagram para publicar essa importante postagem que poderia mudar a história da humanidade, porém, como já sabemos, a rede não estava disponível e o Pe. Narciso terminaria aquela manhã se sentindo triste e vazio.

Enquanto isso, na biblioteca do convento, o Irmão Carlos Hilário, CMCR, estava eufórico. Devorava todas as notícias sobre seu time do coração, que havia derrotado o maior rival. Selecionou dezenas de memes, figurinhas engraçadas, gifs dos gols, preparou até um vídeo do mascote do time cantando, pela manhã. Depois de tudo pronto, acessou o WhatsApp e já estava pronto para enviar o “grande pacote de zoação” no Grupo Prático dos Monges, quando percebeu que nada do que havia preparado pôde ser enviado naquele momento. O WhatsApp também não funcionava. Percebendo o “bug do whats” o Irmão Hilário passou da euforia à melancolia e foi trabalhar na horta tão contrariado que esqueceu de regar os tomates .

Na capela, o Pe. Antônio Engajado, CMCR, rezava o breviário em seu tablet, quando lembrou que haveria uma manifestação, em Brasília, contra a PEC 171, aquela que permitia aos políticos o direito ao roubo. Evidentemente, o Pe. Engajado era contra esta “PEC do Demo”. Entendeu que, a exemplo do fundador da sua congregação, era a hora de deixar de rezar e agir. Saiu da capela e foi para a biblioteca, onde passou algumas boas horas digitando um textão contendo severas críticas à classe política. Reservou outro tempo para escolher links que ajudariam a embasar sua mui necessária opinião, que seria distribuída aos seus 4013 amigos do Facebook. Seria, porém não foi, porque também o Facebook estava fora do ar. Diante da impossibilidade de postar seu texto, o Pe. Antônio Engajado teve sua revolta transmutada em desânimo, quando constatou que nunca seria capaz de vencer o poder opressor da classe política. A PEC 171 passaria e ele nada poderia fazer contra isso.

No fim do dia, Mark Zuckerberg recebeu uma ligação do seu sobrinho pedindo para que religasse tudo, senão ele iria baixar o Telegram. Percebendo o perigo da concorrência, e já de cabeça mais fria, Markinho apertou o botão de novo e tudo voltou ao normal. O Pe. Pedro postou sua selfie e ficou contando as curtidas. O Ir. Carlos enviou seus memes, e aguardou as reações no grupo. O Pe. Antônio publicou seu textão e passou o dia respondendo os comentários dos *haters*. E todos foram felizes até o próximo *bug*.

A verdade é que muitos desses personagens frequentam a nossa congregação. Talvez eu seja um deles, ou até vários deles. E você, caro coirmão, se reconhece em algum?

Durante a pandemia reforçamos nossa presença nas redes, passamos a realizar mais encontros e celebrações “virtuais”, o que, por um tempo, foi necessário e ajudou a manter nossa proximidade com o povo, quando ela só era possível assim. Passado o período crítico da crise do corona vírus, é hora de fazermos o movimento reverso, reforçar novamente nossa presença física junto ao povo. É tempo de ações presenciais para que possamos compartilhar mais a nossa missão junto aos pobres... e uma selfiezinha de vez em quando, porque ninguém é de ferro.

Ir. Adriano Ferreira, CM



Ilustração: Marco Melgratti

SUMÁRIO



Província Brasileira da
Congregação da Missão

Palavra do Visitador | pág. 4

Com São Vicente, abraçar os desafios e a fidelidade a Cristo, evangelizador dos pobres
Pe. Eli Chaves dos Santos

CM Global | pág. 5

A CM na Palma da mão
Da redação

Obra em Destaque | pág. 6

Escola São Vicente de Paulo é inaugurada
Sacha Leite

Artigo | pág. 12

Brasil, terra indígena
Luiz Roberto Lemos do Prado, CM

Ação Social | pág. 16

Ação solidária da festa de São Vicente de Paulo
Pe. José Valdo dos Santos, CM

50 anos da obra social em Contagem
Pe. Juarez Carlos, CM

Entrevista | pág. 18

Pe. Onésio Moreira, CM
Da redação

Pastoral Vocacional | Página 20

Nossa vocação é para a comunhão
Frei Gilberto Teixeira da Silveira, OFM
Pe. Luiz de Oliveira Campos, CM

Espaço dos Seminaristas | pág. 22

XXXVI Encontro Nacional dos Estudantes Vicentinos
Rádio Vicentina
Sem. Cléber Teodósio

Especial | pág. 24

Relatos Missionários
Da redação

Notícias da PBCM | pág. 26

Dica de Filme | pág. 27

O menino que descobriu o vento
Pe. Alexandre Nahass Franco, CM

EXPEDIENTE

ISV Nº 316

INFORMATIVO SÃO VICENTE é uma publicação trimestral da Província Brasileira da Congregação da Missão
ISSN 2596-2132

Direção Provincial 2020-2024

Visitador: Pe. Eli Chaves dos Santos, CM

Conselheiros: Pe. Agnaldo Aparecido de Paula, CM | Pe. Emanuel Bedê Bertunes, CM | Ir. Adriano Ferreira Silva, CM
Pe. Gentil José Soares da Silva, CM

Redação

Editor: Ir. Adriano Ferreira Silva, CM

Jornalista Responsável: Sacha Leite MTB 30383/RJ

Colaboraram nesta edição

Pe. Alexandre Nahass | Cléber Teodósio | Pe. Eli Chaves
Pe. José Valdo dos Santos | Pe. Juarez Carlos | Pe. Luiz Campos | Frei Gilberto Teixeira da Silveira | Pe. Luiz Roberto Lemos do Prado | Pe. Luiz de Oliveira Campos

Revisão

Sacha Leite

Impressão e acabamento

Gráfica Printi

Site

www.pbcm.org/informativo

Contato da Redação

informativo@pbcm.org.br

Tel: (21) 3826-1431

Correspondência

Av. Almirante Barroso, 91 sl. 914
Centro Rio de Janeiro 20031-916

Tiragem desta edição

300 exemplares

Foto da Capa

Ir. Adriano Ferreira

Edição Fechada 12/10/2021

As matérias e artigos assinados são de responsabilidade de seus autores, não expressando, necessariamente, a opinião dos editores do Informativo São Vicente. Desde já, nos desculpamos por possíveis

Pe. Eli Chaves dos Santos, CM

Com São Vicente, abraçar os desafios e a fidelidade a Cristo, evangelizador dos pobres

Essa pandemia, que se arrasta junto com tantos outros problemas, com muitas consequências, sofrimentos, medos e incertezas?!... Nesta situação, com tantas crises entrelaçadas, bate o desânimo, o cansaço físico e mental. Tem-se a impressão de que tudo se tornou rotineiro, complicado e difícil. Precisamos redescobrir a presença de Cristo que está em nossa barca de serviço aos pobres, para nele iluminar nossos medos, sofrimentos e encontrar a força que revigora e faz acender forte em nós a chama da mística da caridade e da missão.

Precisamos manter a “chama que não se apaga”. É preciso avivar a chama do entusiasmo, da mística e do ardor pelo trabalho vicentino. Esta é sempre a primeira e fundamental experiência mística de quem quer se doar no serviço com os pobres: ser capaz de contemplar e ser capaz de extasiar-se diante de Deus que está conosco em Jesus e que nos chama constantemente. Precisamos fazer a experiência de São Vicente: “os pobres são meu peso e minha dor”. O peso e a dor dos pobres que alimentaram a vida de São Vicente são uma porta privilegiada para vislumbrar a dor do povo, para perceber a exploração dos irmãos e para sermos chamados por nosso próprio nome para cumprir a missão de servir a Cristo no pobre.

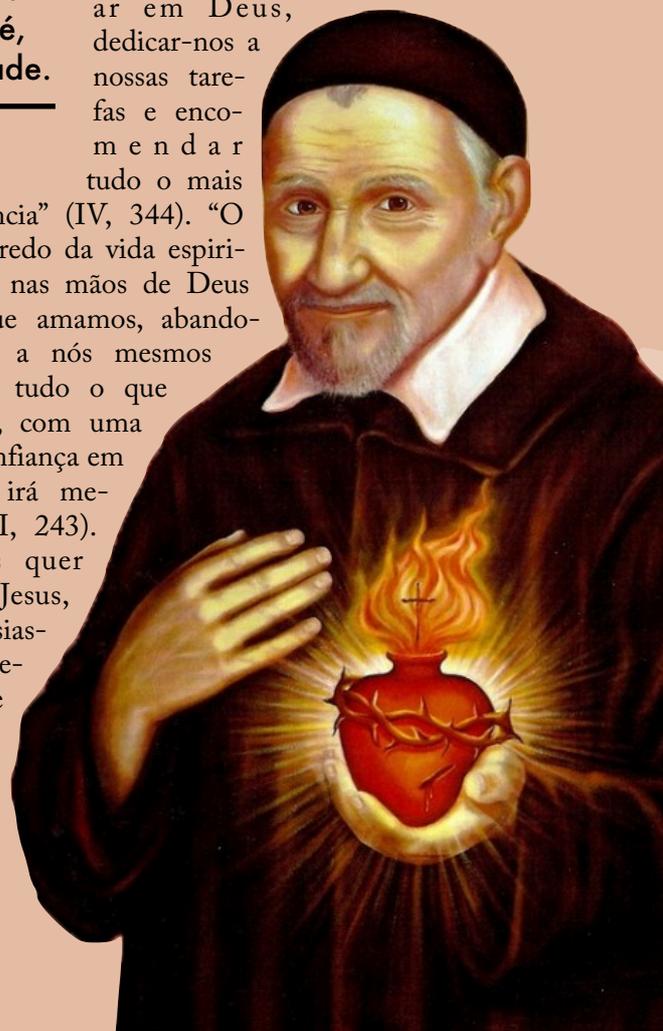
Precisamos alimentar “a mecha que ainda fumeja”. Neste momento de crise, contra a tentação de se fechar na busca de tranquilidade e prosperidade, de se ocupar com os interesses pessoais e de ficar passivo à espera de novidades e soluções milagrosas, a mecha da caridade necessita da resistência evangélica. Mesmo que se faça escuro, cantamos e louvamos o amor fiel de Deus pelos pequenos. Resistência é pensar a pastoral e o trabalho com o povo pobre com mais fé, perseverança e criatividade. É celebrar as pequenas vitórias. É abrir espaço para que o povo se expresse e alimente suas lutas. encontrar novos aliados para as causas difíceis. É somar forças com grupos e pessoas para uma colaboração que rejuvenesça o carisma e nos fortaleça no serviço. É treinar gente para a resistência ativa e para as horas difíceis. É rezar e alimentar-se com a palavra da Escritura para descobrir novas luzes para o amanhã.

Resistência é pensar a pastoral e o trabalho com o povo pobre com mais fé, perseverança e criatividade.

Precisamos “ir ao encontro dos pobres e abraçá-los com o fogo da caridade”. Diante de tantos e tão grandes desafios, com humildade e confiança, precisamos retomar o entusiasmo e a audácia de nossos fundadores e dos grandes evangelizadores e servidores dos pobres. Nossa ação junto aos empobrecidos será aos olhos do mundo uma grande loucura, alguns até nos chamarão de oportunistas ou esquerdistas. Os passos de São Vicente nos estimulam e apontam o testemunho e a palavra de nosso Mestre na escola dos pobres, que é Jesus de Nazaré: “Eu vim trazer fogo à terra, e como desejaria que já estivesse aceso” (Lc 12,49-50). Precisamos cultivar o fogo da presença solidária junto aos pobres. Presença solidária é ser parceiro com o povo sem carregá-lo nas costas, ouvir suas dores, seus clamores e buscar, juntos, o remédio para curá-los.

Somos chamados a estar com Jesus na barca agitada pelas crises atuais, agir sempre contra toda falta de esperança, e confiar. Assim nos ensina São Vicente: “Há que confiar em Deus, dedicar-nos a nossas tarefas e encomendar tudo o mais

à Providência” (IV, 344). “O grande segredo da vida espiritual é pôr nas mãos de Deus tudo o que amamos, abandonando-nos a nós mesmos para fazer tudo o que Ele quiser, com uma perfeita confiança em que tudo irá melhor” (VIII, 243). Deus nos quer seguindo Jesus, com entusiasmo e esperança, e que não deixemos os pobres sozinhos.



Da redação

A CM na palma da mão

Aplicativo da Cúria Geral reúne Regras Comuns, Constituições, Estatutos, Liturgia das Horas e catálogo

O Superior Geral comunicou, em circular datada do dia 23 de setembro de 2021, que já está à disposição dos coirmãos uma nova ferramenta, que lhes permitirá o acesso imediato e digital às Regras Comuns, Constituições e Estatutos da CM, em línguas variadas. Para obter o aplicativo é preciso seguir o passo-a-passo: 1. Acessar o site oficial da Congregação da Missão (www.cmglobal.org); 2. Escolher o idioma de preferência; 3. Na página inicial, localizar o botão para fazer o download do aplicativo.

Além disso, também é possível encontrar o catálogo on-line, reestruturado e adaptado para uso nos smartphones, tablets e computadores. O novo *aplicativo* está reservado à utilização dos padres e irmãos da Congregação da Missão, que deverão registrar-se na plataforma da nova ferramenta. Para cadastrar-se é preciso seguir as orientações contidas na Carta do Superior Geral de 23/9/2021.

Na carta, o Superior Geral, Pe. Tomaz Mavric, CM, explica que o objetivo da inovação está em facilitar o início ou a continuação das leituras e oração diárias. Ele ressalta também que seu desejo, com a iniciativa de disponibilizar esse material digitalizado está em estimular que cada coirmão, independentemente da idade ou de onde exerça seu ministério, quer seja na cidade ou



no sertão, possa acessar este compêndio do carisma vicentino.

“À nossa forma habitual de ler as Regras Comuns, as Constituições e ou Estatutos, (ou seja, tendo o texto impresso nas mãos) adicionamos uma forma de tornar esses materiais ainda mais acessíveis, práticos e em sintonia com as ferramentas que as pessoas utilizam hoje em dia para ler livros, artigos etc. Além de termos em formato impresso, também os teremos disponíveis em um “app” em nossos celulares, computadores e tablets em vários idiomas: inglês, francês, italiano, espanhol etc.”

Ao final da missiva, Pe. Tomaz renova o apelo para que os coirmãos leiam e rezem um parágrafo das Regras Comuns diariamente, conforme recomendou o santo fundador da CM, São Vicente de Paulo. Ele sugeriu que, após a realização da leitura completa, seja feito o mesmo com as Constituições e os Estatutos, alternando a leitura de mês a mês, de ano a ano, em um compromisso para toda a vida.

Além das Regras Comuns, Constituições, Estatutos, e Catálogo aplicativo incluirá a Liturgia das Horas das festas e memórias vicentinas, em italiano, com perspectiva de incluir outros idiomas no futuro. Ao final, o SG convida cada província, vice-província ou região à traduzir esses conteúdos para suas respectivas línguas e enviar aos cuidados do Pe. Hugo Vera, no endereço nuntia@cmglobal.org, para que sejam adicionados ao app. ■



Momento da bênção das instalações, com a presença de Dom Gilson Andrade

Sacha Leite

Escola São Vicente de Paulo é inaugurada

Abertura oficial contou com a presença do bispo da diocese de Nova Iguaçu

No dia 25 de setembro de 2021, o bispo Gilson Andrade, da diocese de Nova Iguaçu, município da área metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, abençoou as instalações da Escola São Vicente de Paulo, inaugurando oficialmente a mais nova obra da Província Brasileira da Congregação da Missão. Na cerimônia estiveram presentes pe. Eli Chaves dos Santos, Visitador Provincial, os coirmãos da Casa Central, além do Pe. Rodrigo Mota, pároco da paróquia Santa Rita de Cássia, administrada pela diocese de Nova Iguaçu. Na

ocasião, cerca de 45 pessoas estiveram presentes, dentre elas, representantes da Companhia Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo e os colaboradores da nova obra.

“Tive o privilégio de ver que a equipe que temos hoje está bem alinhada. As meninas da limpeza, professoras, todos e todas ajudaram nos preparativos da comemoração, com tudo simples e simbólico”, alegrou-se a auxiliar administrativa Joceane Alves, que participa da construção do espaço de educação desde a pesquisa preliminar. De acordo com Pe. Eduardo Santos, CM, diretor administra-



tivo do CSVP, no Cosme Velho, e da ESVP, a realização da cerimônia demonstra que a nova escola católica está inserida no contexto da Igreja local: “A presença do bispo e do pároco da região dá uma dimensão de acolhida, mostra a possibilidade de estreitar laços entre a escola e a comunidade. Acolhendo a autoridade eclesial, abrimos possibilidades futuras de apoio e colaboração, do ponto de vista pastoral”. Padre Eduardo chamou a atenção, ainda, para a ênfase no espírito vicentino da vivência das virtudes: “Essa escola precisa ser um centro de irradiação para novos trabalhos, estabelecendo laços com a comunidade local e aumentando a presença dos vicentinos nas comunidades do entorno”.



Abertura:
Agosto de 2021

Número de famílias atendidas
42 (projeção de aumento da capacidade para 100 vagas em 2021)

Valor total investido na obra:
R\$ 1.480.071
(reforma das instalações, urbanização do terreno e equipamentos)

Contratações:
Professoras regentes: 4
Inspetor de alunos: 2
Coordenador pedagógico: 1
Auxiliar de cozinha: 1
Cozinheiro: 1
Assistente administrativo: 1
Porteiro: 1
Auxiliar de secretaria: 1
Orientador educacional: 1
Auxiliar administrativo: 1
Professor de educação física: 1

Dirigindo, a caminho da ESVP, Pe. Eduardo falou a este Informativo São Vicente que a sensação predominante neste momento é a de renovação: “este projeto tem um foco muito especial, que faz parte do nosso planejamento anual e agora está se realizando. Às vezes precisamos de um trabalho novo para experienciar o sentimento de novidade, esperança e motivação”. Pe. Eduardo acrescenta ainda que o contato com os educadores e com as famílias está sendo fundamental: “A escola é pequena, vai inserir socialmente 100 famílias no ano que vem. A medida que nos inserimos na comunidade local, criamos projetos em comum e as pessoas envolvidas se sentem naturalmente responsabilizadas”. >>>



Para estabelecer novas propostas e parcerias, Pe. Eduardo ressaltou a importância de escutar a comunidade para saber o que vai impactar mais a vida das pessoas: “É algo que deve ser construído junto às lideranças, com a participação da Igreja local, escutando os próprios funcionários e as mães que se fazem presentes no dia-a-dia da Escola”. Este processo foi iniciado no segundo semestre de 2020, quando Joceane contatou as comunidades vinculadas à Paróquia Santa Rita de Cássia, distribuindo um questionário a respeito da educação das crianças na região, a fim de investigar a real necessidade de se abrir uma escola filantrópica na região.

Pedagogia vicentina

A base do projeto político-pedagógico que rege a Escola é o mesmo do CSVP, com as adaptações que se fazem necessárias. “Nosso ensinamento é para a vida, não só para o contexto de escola. Às vezes precisamos parar um pouquinho o que estamos fazendo para dar um banho na criança, oferecer colo e roupa limpa” explica a orientadora educacional da ESVP, Fátima Gomes. Proporcionar um ambiente acolhedor e seguro para as mais de 40 crianças matriculadas na Escola - menos da metade da capacidade total, por conta do protocolo de biossegurança elaborado para o contexto de pandemia - é o objetivo de todos que trabalham nesta obra. A reportagem do Informativo São Vicente visitou a Escola no dia 30 de setembro para conversar com a equipe de educadores, observar

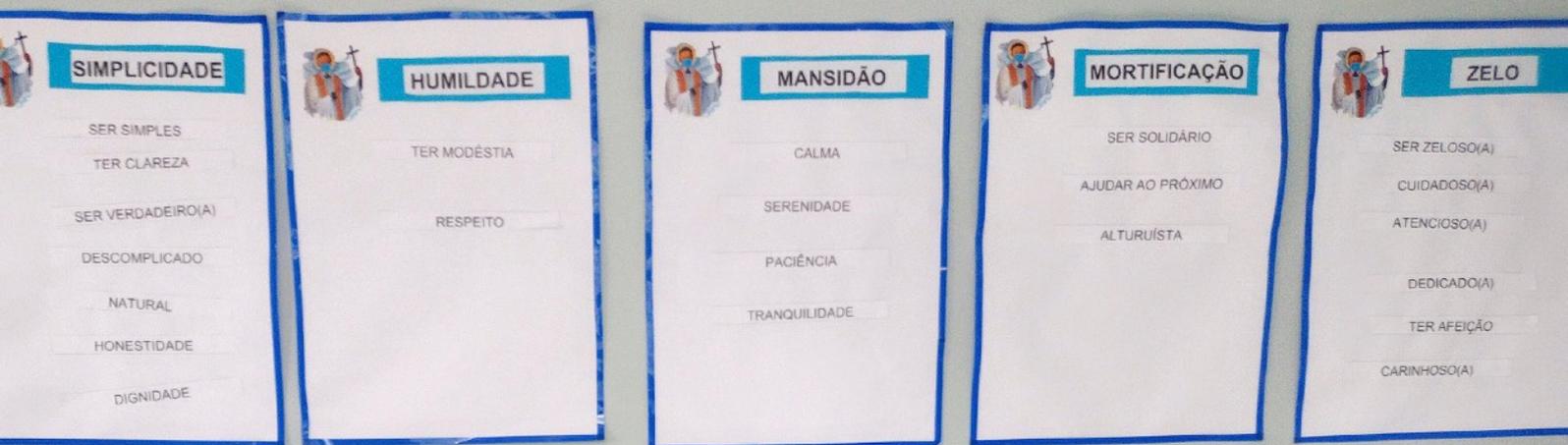
a interação dos alunos e fazer alguns registros fotográficos.

Na ocasião, a coordenadora da Educação Infantil, Antônia Martins, contou que estudou com as irmãs Filhas da Caridade, no mesmo casarão, 40 anos antes: “Sou da comunidade, fiz minha formação toda aqui, estudei com as irmãs. Conheci o educandário quando ainda era um prédio de madeira, há 40 anos. De 5 a 6 anos fui aluna da professora Norma, na época do Centro Social Nossa Senhora das Graças, hoje a professora Norma já está aposentada. Eu e Lidiane (hoje professora da ESVP) somos ex-alunas. É um sonho estar voltando para cá e colaborar com a minha comunidade. Trabalhei também nas creches da paróquia Santa Rita. Alguns pais de alunos daqui foram meus alunos na creche Bom Pastor, administrada pela paróquia tempos atrás, hoje municipalizada”. Até 2020, o espaço situado no Jardim da Viga foi ocupado pelas irmãs Filhas da Caridade, quando passou a ser administrado pela PBCM, em regime de comodato, com o objetivo de cumprir a cota de bolsas de estudo exigida pela filantropia e que a Educação de Jovens e Adultos ministrada no CSVP à noite, não estava mais garantindo a quantidade mínima de contemplados.

Joceane Vieira conta que acompanhou todo o processo de concepção da Escola São Vicente de Paulo: “eu já conhecia o ambiente antes, que foi remodelado pouco-a-pouco. Na primeira semana, acolhemos os funcionários. Mas quando chegaram as crianças, não consegui conter as lágrimas, foi muito emocionante”. >>>

Antônia Martins (orientadora educacional) e Fátima Gomes (coord. pedagógica) acolhem os alunos no pátio da ESVP.





As virtudes vicentinas são conteúdo pedagógico na sala de aula

Joceane destaca que este é o momento inicial, com descobertas, ajustes e adaptações sobretudo relacionadas à comunicação com as famílias: “É construtivo esse processo e ele vem sendo muito bem selado por todos os envolvidos”, avalia a auxiliar administrativa, informando que, além das mães solo, os avós também têm sido muito presentes na educação familiar junto aos alunos da Escola.

Um espaço de educação no coração da Baixada

A respeito da demanda por um espaço de Educação Infantil na região, a orientadora educacional Fátima Gomes explica que a escola têm sido bastante procurada: “Quando chegamos aqui o trabalho de captação já havia sido realizado. Hoje temos uma procura grande, as famílias vêm aqui e preenchem uma ficha para pleitear vagas”, explica a orientadora.

Quanto à dinâmica da construção simbólica em sala de aula, Fátima explicou que os conteúdos estão sendo trabalhados conforme os assuntos vão surgindo nas rodas de conversa diárias: “identificamos os interesses e procuramos aprofundar, pesquisar. Temos crianças que ainda não tem hábito de banho, nem de escovar os dentes. Pretendemos formar uma rede, convidando dentistas, psicólogos, fonoaudiólogos. Tudo no começo foi muito difícil:

tivemos dificuldade com relação ao horário, alimentação, adaptação e comportamento, no geral”.

A orientadora e a coordenadora pedagógica Antônia Martins mencionaram sobre a importância de sinalizar às crianças que a realidade às vezes pode parecer dura e violenta, porém é possível devolver ao mundo uma resposta diferente: “Se recebe agressividade, não devolver da mesma forma, senão o ciclo não se encerra”. As educadoras falaram da importância de trazer o diálogo, falar sobre os sentimentos. Para incentivar esse tipo de hábito elas promoveram a atividade da “árvore da amizade”, buscando trazer atitudes comportamentais positivas, como por exemplo elogiar, ser gentil e empático. “Temos o costume, enquanto sociedade, de buscar resultados imediatos. No entanto, na Educação Infantil o processo é lento. Não há receita pronta. E se houver necessidade, retrocedemos um pouco e refazemos o planejamento”, resume Fátima.

“A missão da nossa escola é a de formar cidadãos pensantes e transformadores”, lembram as educadoras, explicando que têm um olhar atento à naturalização de situações desagradáveis que não devem ser ignoradas. Elas esclarecem que a escola acaba desempenhando a função de desarmar esses gatilhos: “Temos um aluno com duas mães. Uma aluna questionou: é possível isso, tia?”. O espaço de educação vicentina acaba funcionando como



Joceane Vieira e Pe. Eduardo dos Santos, CM, ajudam a cultivar a horta da escola.

um importante fórum de discussão sobre as questões da vida real, trazendo importantes ferramentas de solução de problemas para as crianças, explicam as educadoras.

As famílias atendidas pela escola são as mais carentes da região, a maioria recebe o *Bolsa Família* como única renda, e possui mais de dois filhos, com mães solo: “Temos um papel importante na educação dessas famílias. A partir do momento que as mães confiam na gente e deixam suas crianças aqui, podem buscar um trabalho. E, aos poucos, vamos identificando as necessidades dessas crianças. A maioria não tinha o costume de sentar-se à mesa. Não tomavam café da manhã. Acordavam na hora de almoçar e tinham uma única refeição por dia”, conta Fátima.

Cuidado com a alimentação também é uma preocupação da escola

A reportagem do Informativo São Vicente também visitou a cozinha e o refeitório da Escola, conversando com a cozinheira Sandra Helena, a assistente de cozinha Daiane e a nutricionista Isabelle. O cardápio, que inclui quatro refeições diárias - café da manhã, colação, almoço e lanche da tarde - é cuidadosamente preparado pela nutricionista Isabelle: “costumo seguir um programa de alimentação para crianças, de acordo com as necessidades calóricas diárias para a faixa de idade de 3 a 5 anos de

idade. Logo que a Escola iniciou as atividades, enviei um checklist aos responsáveis para que indicassem qualquer questão específica ou intolerância alimentar”.

Isabelle contou ainda que encontraram dificuldades na introdução de frutas, legumes e verduras, uma vez que as crianças tinham o costume de comer alimentos ultra-processados, como Nuggets, hambúrgueres, salsichas etc: “a cada semana estamos introduzindo alimentos novos. Colhemos alface na horta aqui do quintal e eles provaram, alguns pela primeira vez. Fizemos uma apresentação de frutas, e uma degustação de olhos fechados, para estimular a curiosidade e os sentidos - olfato, paladar, tato - para que as crianças perceberem as nuances trazidas pela variedade de alimentos in natura ou minimamente processados”.

Diferenças e semelhanças entre as refeições saudáveis e as pobres nutricionalmente, também foram abordadas: “Fizemos 80 discos de hambúrgueres artesanais, que foram um sucesso, panquequinhas e outras delícias bem aceitas pelas crianças. Assim, elas vão aumentando o repertório nutricional e, aos poucos, adquirindo hábitos mais saudáveis”, entusiasma-se a nutricionista, que também se orgulha de aproveitar ao máximo os alimentos, evitando assim a cultura do desperdício, rechaçando embutidos e oferecendo como bebidas são oferecidos água, suco natural da laranja e concentrados das demais frutas. ■

Pe. Luís Roberto Lemos do Prado, CM

Brasil: terra indígena

Um testemunho de cuidado e irradiação do respeito ao ser humano

Nos últimos tempos estamos acompanhando uma luta de resistência dos povos indígenas brasileiros em torno do repúdio ao chamado “Marco Temporal”, que está sendo julgado pelo Supremo Tribunal Federal (STF), em Brasília. Mas não podemos esquecer que os povos originários sempre lutaram pela defesa dos seus direitos e de seus territórios, desde que povos estrangeiros pisaram terras brasileiras, habitadas pelos mesmos, há milênios de anos. Portanto, esta luta organizada na defesa do “bem viver” pelos povos originários, embora de forma desigual, pela contraposição à força bruta e pelas armas dos invasores, organizados pelo Estado, já vem sendo travada há 521 anos. Nesta correlação de forças, perpassando pela expansão do sistema colonial pelos interiores do país através dos “bandeirantes”, encarregados de exterminar as tribos indígenas para ocuparem à força os seus territórios, os povos originários sempre saíram perdendo, histórica e politicamente falando.

Olhando bem de perto, os povos originários estão atualmente bem articulados, tanto no âmbito nacional quanto localmente, tendo como marco impulsionador de maior avanço a partir da década de 1980, sobretudo com a promulgação da Constituição Federal, em 1988. No âmbito nacional, temos a APIB (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil); ANMIGA (Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade); MNI (Mobilização Nacional Indígena); CIMI (Conselho Indigenista Missionário): este organismo foi criado em 1972, em pleno contexto de ditadura militar no Brasil, está articulado à CNBB e possui um caráter ecumênico.

No âmbito local, cada nação indígena se articula através de “associações indígenas”, em torno de suas necessidades locais mais emergentes. Assim, podemos contabilizar mais de 900 Associações Indígenas em todo o Brasil, dado que atualmente podemos contabilizar 305 nações indígenas espalhadas em todo o país, com maior densidade na Amazônia Legal, somando aproximadamente um milhão de indivíduos. Lembremos que somavam aproximadamente 6 milhões de pessoas na época da invasão estrangeira ao Brasil, em 1500!!!

Mas precisamos situar o significado do chamado “Marco Temporal” e do Projeto de Lei (PL) 490, que estão tramitando pelo Congresso Nacional: O marco temporal delimita a demarcação de terras indígenas àquelas

que estavam em posse dos povos originários no dia da promulgação da constituição, 5 de outubro de 1988, e visa oferecer fundamentação legal para evitar a demarcação de novas terras. É preciso lembrar que, ao longo da história de avanço de usurpação do território brasileiro pelo homem branco, inúmeras nações indígenas foram expulsas de seus territórios, muitas pessoas mortas à bala ou por doenças contagiosas, inúmeras famílias obrigadas a se refugiarem nas periferias urbanas, onde tentam sobreviver até agora, impedidas de retomarem seus territórios originários. O PL 490 também busca inviabilizar novas demarcações e outorgar o uso de áreas já demarcadas para empreendimentos econômicos. Tais projetos interessam aos madeireiros, aos garimpeiros, aos donos do agronegócio, aos grileiros, jamais aos povos originários.

Em torno do repúdio ao “Marco Temporal”, lideranças indígenas de todo o país, em aproximadamente 6.000 pessoas, representando 176 nações indígenas, estiveram acampados em Brasília, formando o Acampamento Luta Pela Vida, naquela semana de 25 de agosto passado, para acompanhar bem de perto o início do julgamento desta ação pelo STF, marcando presença com toda a força de suas organizações e de sua mística, que perpassa pela ancestralidade, pelas suas danças, pelos seus cantos, pelos seus instrumentos musicais, pelos seus símbolos e pinturas, e pelo culto aos seus “encantados”. Portanto, em contraponto ao “Marco Temporal”, os povos originários respondem com o “Marco Ancestral”, transcrito nas falas de suas lideranças: “A nossa história não começou em 1988, e as nossas lutas são seculares, isto é, persistem desde que os portugueses e sucessivos invasores europeus aportaram nestas terras para se apossarem dos nossos territórios e suas riquezas”.

Ainda em torno do repúdio ao “Marco Temporal”, nos dias 7 a 11 de setembro passado, foi realizada a segunda Marcha das Mulheres Indígenas com o tema “Mulheres Originárias: Reflorestando Mentes Para a Cura da Terra”. É bom lembrar que todos os anos, durante o mês de abril, é realizado em Brasília o grande acampamento indígena denominado “Acampamento Terra Livre”. Estas celebrações nos mostram que a luta dos povos originários possui uma boa articulação, embora continuem invisíveis pela sociedade e ignorados pelos meios oficiais de comunicação (a Mídia).





Oposta ao Marco Temporal está a “teoria do indigenato”, consagrada pela Constituição Federal de 1988. De acordo com ela, o direito indígena à terra é “originário”, ou seja, é anterior à formação do próprio Estado brasileiro, independe de uma data específica de comprovação da posse da terra (“marco temporal”) e mesmo do próprio procedimento administrativo de demarcação territorial. Esta tese é defendida pelos povos e organizações indígenas, indigenistas, ambientalistas e de direitos humanos.

Vejamos o que diz a Constituição Federal de 1988 no Capítulo VIII, artigos 231 e 232, em relação aos Povos Indígenas:

“Art. 231. São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens. § 1º São terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e as necessárias à sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições. § 2º As terras tradicionalmente ocupadas pelos índios destinam-se a sua posse permanente, cabendo-lhes o usufruto exclusivo das riquezas do solo, dos rios e dos lagos nelas existentes. § 3º O aproveitamento dos recursos hídricos, incluídos os potenciais energéticos, a pesquisa e a lavra das riquezas minerais em terras indígenas só podem ser efetivados com autorização do Congresso Nacional,

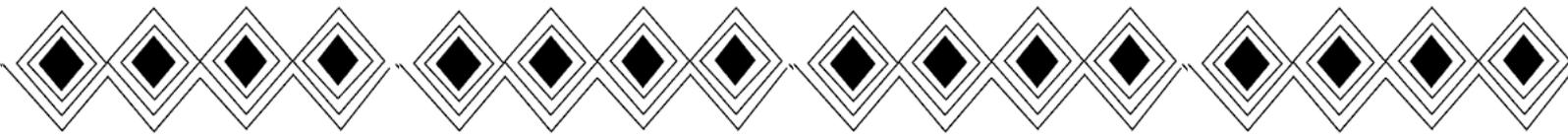
ouvidas as comunidades afetadas, ficando-lhes assegurada participação nos resultados da lavra, na forma da lei. § 4º As terras de que trata este artigo são inalienáveis e indisponíveis, e os direitos sobre elas, imprescritíveis.

Art. 232. Os índios, suas comunidades e organizações são partes legítimas para ingressar em juízo em defesa de seus direitos e interesses, intervindo o Ministério Público em todos os atos do processo.”

É com apoio nestes importantes artigos jurídicos que, nos últimos anos, sobretudo nos governos progressistas sob o gerenciamento de Lula e Dilma, muitos integrantes dos povos indígenas do Brasil tiveram incentivo e acesso às universidades e se formaram em ciências humanas e sociais, inclusive advogados e advogadas, e tem defendido incansavelmente as suas causas culturais e territoriais.

Também frente a um governo com políticas de morte, sobretudo aos povos originários e aos quilombolas (necropolítica), inúmeros “parentes” indígenas têm ocupado cargos de decisão no campo da Política: o número de indígenas eleitos prefeitos e vereadores cresceu nas últimas eleições. Os prefeitos indígenas passaram de seis para oito, na comparação com as eleições de 2016. Já os vereadores aumentaram de 168 para 179. Contando com os vice-prefeitos, 197 indígenas saíram vitoriosos nas eleições de 2020, contra 184 em 2016. No Parlamento Federal temos apenas uma deputada indígena: Joênia Wapichana, a única representante dos povos originários a conquistar uma vaga para a Câmara dos Deputados Federais na legislatura 2019-2022. Esse quadro nos mostra o quanto ainda é urgente representantes do povo empobrecido e vulnerável serem legitimamente eleitos pelo voto direto para ocuparem cargos de decisão nas diferentes instâncias para que construamos estruturas justas, como a realidade popular exige. Essa constatação política exige-nos o quanto é urgente nos inserirmos em trabalhos de formação da consciência crítica (trabalho de base) no meio popular, na construção sadia de mentes e corações com a devida clareza de cidadania. O refrão desta canção sugere-nos uma inquietante mensagem: “Eu acredito que o mundo será melhor, quando o menor que padece acreditar no menor!”

>>>



Para reforçar a importância deste julgamento no STF que apenas iniciou, e depois de 3 sessões foi suspenso e não tem data prevista para ser retomado, o que tem obrigado representantes dos povos originários a marcarem presença constante no Acampamento Luta Pela Vida em Brasília, em forma de vigília permanente, demonstra profunda insensibilidade dos poderes majoritários em relação às nações indígenas, e para mostrar como os povos indígenas se relacionam com suas terras, possuem uma cosmovisão bem diferenciada dos povos não indígenas, a APIB (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil) preparou esta lista com 10 mensagens dos povos indígenas do Brasil para o mundo todo:

“1) A história dos povos indígenas do Brasil não começa em 1500, nem em 1988: os povos originários chegaram a esta terra antes mesmo de essa noção de tempo ser inventada. Nós somos herdeiros dos primeiros pés que pisaram nessa terra, e nosso tempo não pode ser medido ou determinado por relógios e calendários que tentam ignorar nossa trajetória ancestral.

2) Nossas terras são nossas vidas, não fonte de lucro: diferente da forma como os latifundiários, grileiros e exploradores lidam com a terra que eles usurparam e destruíram, nós, povos indígenas, temos uma relação profunda, espiritual e ancestral com nossa terra. Sem terra não há vida para nós. Nós não exploramos nosso território para lucrar, mas para nos alimentar, manter nossa cultura e preservar nossas tradições e espiritualidade.

3) Nós guardamos as florestas e isso faz bem para todo mundo: os povos indígenas foram reconhecidos em mais de uma ocasião como os melhores guardiões das florestas. Nossos territórios são preservados. Onde há terra indígena, a floresta permanece em pé, a água pura, a fauna viva. E isso beneficia todo o mundo, principalmente quando as crises climática e ambiental ameaçam a própria sobrevivência da humanidade.

4) Nossa diversidade e nossa ancestralidade nos unem: os inimigos dos povos indígenas tentam a todo custo construir rupturas e oposições artificiais entre nós. Eles não sabem, no entanto, que nossa ancestralidade é mais forte e mais potente do que qualquer divisão que eles possam tentar nos impor.

5) A maior parte das terras está nas mãos dos latifundiários – e eles as estão destruindo! O argumento de que existe “muita terra para pouco índio” já se mostrou falaci-

oso mais de uma vez. Na verdade, a maior parte das terras no Brasil já é dedicada à agricultura. Uma parcela reduzida é de terras indígenas, mas as que foram homologadas estão bem preservadas!

6) Nossa luta também é pelo futuro da humanidade: nós, povos indígenas, temos uma cultura de alteridade e acolhimento. Nossa luta por nossas terras é também pela preservação ambiental. Temos plena consciência de nosso papel de protetores das florestas e da biodiversidade e estamos dispostos a compartilhar nossos conhecimentos para o bem de todos.

7) Nós, povos originários, lutamos por nossas vidas há 521 anos, e isso é sinal de que algo está muito errado: Desde que nossas terras foram invadidas, temos de lutar diariamente por sobreviver: às doenças trazidas de fora – como o Covid-19, que matou mais de 1,1 mil parentes,

contra o genocídio, contra os ataques. Ainda hoje temos de lutar por nossas vidas, e isso quer dizer que para muita gente, nossas vidas não importam. Isso precisa acabar imediatamente!

8) Nós temos um projeto de mundo e queremos ser ouvidos! Nós acumulamos tecnologias de produção milenares e isso nos dá condições de pensar um projeto de sociedade sem desigualdades, baseada no bem-viver, no cuidado com a terra e na livre convivência entre os povos. Nosso projeto garante alimento sem veneno, produz sem devastar. E o mundo precisa de um projeto como esse para nos salvar da destruição!

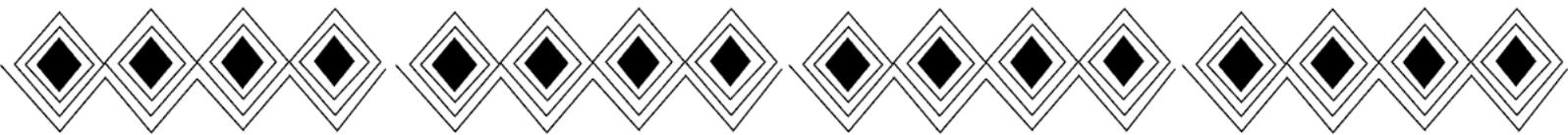
9) Nós estamos aqui e aqui permaneceremos: sobrevivemos ao ataque colonial, sobrevivemos ao genocídio, sobrevivemos às doenças. Nosso povo é resiliente, e mesmo nas piores condições, soubemos nos proteger e seguir vivos. Permaneceremos vivos e lutando por nossos direitos, e esperamos que cada vez mais o mundo compreenda que nossas vidas importam, e que os povos indígenas queiram e precisam e demandam uma vida plena e em paz!

10) O Brasil é terra indígena! A Mãe do Brasil é indígena!

Há 521 anos tentam apagar a ancestralidade indígena desta terra que chamaram de Brasil. Nós pisamos nesse chão antes de todos. Nós cuidamos desse chão, nós mol damos essas florestas, nós cultuamos a ancestralidade milenar desse território. E por mais que tentem esconder, nunca conseguirão, pois somos muitos, e somos fortes e temos orgulho de nossa história!”

Diante de profundos desafios que os povos indígenas continuam enfrentando, sobretudo como vítimas deste

Como missionários vicentinos, perguntemo-nos: não está na hora de assumirmos um vínculo eminentemente profético-pastoral em defesa dos povos originários de nosso país?



governo genocida, não podemos duvidar: os povos originários continuam na vulnerabilidade e na invisibilidade perante o poder público, nessa sociedade dominada pela mentalidade capitalista. Como missionários vicentinos, nos perguntemos: não está na hora de assumirmos um vínculo eminentemente profético-pastoral em defesa dos povos originários de nosso país? Uma aproximação ao CIMI nos daria uma luz... ■

Demarcação Já!

(Ney Matogrosso – trecho)

Já que depois de mais de cinco séculos/ E de ene ciclos de etnogenocídio/ O índio vive,
em meio a mil flagelos/ Já tendo sido morto e renascido/ Tal como o povo Kadiwéu e o
Pinará.

Demarcação já!/ Demarcação já!

Já que diversos povos vêm sendo atacados/ Sem vir a ver a terra demarcada/ A começar
pela primeira no Brasil/ Que o branco invadiu já na chegada/ A do Tupinambá.

Demarcação já!/ Demarcação já!

Já que, tal qual as obras da Transamazônica/ Quando os milicos os chamavam de silvíco-
las/ Hoje um projeto de outras obras faraônicas/ Correndo junto da expansão agrícola/
Induz a um indicídio, vide o povo Kaiowá.

Demarcação já!/ Demarcação já!

Já que tem bem mais latifúndio em desmesura/ Que terra indígena pelo país afora/ E já
que o latifúndio é só monocultura/ Mas a T.I. é polifauna e pluriflora. Ah!

Demarcação já!/ Demarcação já!

Johann Moritz Rugendas, Guerrilhas, 1835.



Imagem: Arquivo da Biblioteca Nacional



Pe. José Valdo e Pe. Paulo César, junto a membros do Corpo de Bombeiros do DF, que colaboraram na ação

Pe. José Valdo dos Santos, CM

Ação solidária da festa de São Vicente de Paulo

Entre os dias 24 e 26 de setembro de 2021, a Paróquia de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa realizou o Tríduo de São Vicente de Paulo, na Matriz e em uma pequena comunidade de São Vicente de Paulo. Por ocasião do dia do santo, houve a primeira Ação Social Solidária em prol das famílias carentes do entorno da Região Administrativa do Riacho Fundo II. Esta ação estabeleceu-se como um marco no dia de São Vicente de Paulo e foi inteiramente voltada para os pobres.

Em parceria com alguns órgãos, entidades (Região Administrativa do Riacho Fundo II, a Secretaria da Saúde, o Corpo de Bombeiros, a Polícia Militar, o SENAC, o CAESB, a OASSAB - Obras de Assistência e de serviço Social da Arquidiocese de Brasília) e comércio local, realizou-se várias ações: corte de cabelo masculino e feminino, maquiagem, atendimento clínico geral e otorrino, atendimento psicológico, aferição de pressão, teste de glicemia, palestra sobre violência doméstica, palestra com o tema sobre o “amor que cura” e atendimento jurídico. Foi exibido um vídeo contando a vida de São Vicente de Paulo e também distribuído um pequeno folheto falando so-

bre sua vida. No final, distribuiu-se lanches aos presentes e algumas cestas básicas para as famílias carentes.

Este grande dia foi encerrado com uma missa solene celebrada pelo Padre José Valdo dos Santos Filho, CM, e concelebrada pelos padres Paulo César, CM e Vanderlei Ales, CM. O intento deste evento foi acolher e atender o povo carente da nossa cidade satélite do Riacho Fundo II, Brasília-DF. Além disso, outro ponto importante desta ação foi a organização e as parcerias realizadas com os órgãos acima citados, tendo o apoio da equipe missionária do Riacho Fundo II.

Continuando as festividades em prol da memória do fundador da Congregação da Missão, no dia 28 de setembro de 2021, a equipe missionária da comunidade do Riacho Fundo II realizou uma manhã de espiritualidade no Mosteiro de São Bento de Brasília. Padre José Valdo dos Santos Filho, CM, orientou a manhã, discorrendo sobre as virtudes vicentinas. A equipe missionária de Riacho Fundo II agradece a todos os envolvidos nos gestos de solidariedade prestados aos “Mestres e Senhores” da CM, nas festividades de São Vicente de Paulo. ■

50 anos da Obra Social em Contagem

No dia 25 de agosto de 2021, às 19h, na Igreja Matriz de Contagem-MG, foi celebrado o jubileu de ouro referente aos 50 anos de fundação da Obra Social da Paróquia Nossa Senhora de Fátima. A Eucaristia foi presidida pelo Pe. Juarez Carlos, CM, e concelebrada pelo Pe. Ezequiel Alves, CM. Apesar dos limites impostos pela pandemia da Covid-19, houve participação presencial de um bom número de fiéis. Estava presente também o primeiro tesoureiro da obra, o Sr. José do Nascimento, no alto de seus 92 anos de idade, além dos demais membros da atual diretoria.

Ao final da celebração, tivemos duas singelas homenagens lidas pela atual secretária da obra, Sra. Luciene, e pelo Sr. Antônio Augusto, um dos fundadores da obra: "Nossos sinceros agradecimentos a todos os contribuintes e a todas as suas famílias, que, unidas em um só pensamento, propósito e ideal, não mediram esforços para criar a nossa obra social. Nossa história de meio século foi construída por centenas de moradores do bairro Jardim Industrial, juntamente com alguns padres da Congregação da Missão e por um diocesano. Que Deus e Nossa Senhora de Fátima abençoe a cada um pela generosidade,

zelo e dedicação. Que a história da obra social da Paróquia Nossa Senhora de Fátima continue sendo construída por todos aqueles e aquelas que acreditam na ideologia e nos princípios do amor cristão de servir ao próximo, sobretudo, aos mais necessitados, os pobres e a toda a comunidade”.

Pe. Juarez oferece uma reflexão a respeito da trajetória da obra social e das realizações alcançadas com o auxílio dos lazaristas da Congregação da Missão, do padre Geraldo Magela, e dos paroquianos: “alegramo-nos com a construção da nossa Igreja Matriz, da casa paroquial e do centro comunitário que leva o nome de um Lazarista, o saudoso Padre Joaquim de Souza e Silva, CM. Os vários projetos sociais desenvolvidos até hoje que têm beneficiado tanta gente, infelizmente foram interrompidos pela pandemia da Covid-19, porém podemos afirmar, sem sombra de dúvidas, que Nossa Senhora de Fátima tem-nos abençoado muito e, se Deus quiser, continuará abençoando para sempre esta importante obra e o povo maravilhoso da nossa querida Paróquia Nossa Senhora de Fátima do Bairro Jardim Industrial, em Contagem-MG. Viva Nossa Senhora de Fátima! ■

Homenagem aos organizadores da Obra Social, na paróquia N. S. de Fátima, em Contagem-MG



Da Redação

Pe. Onésio Moreira

Memórias e visão de futuro do padre que completa 40 anos de presbiterato em 2022

Em 24 de setembro de 2021, Pe. Onésio Moreira Gonçalves, CM, completou 70 anos de idade. Imerso nessa alegria, o campinaverdense, ordenado presbítero pela intercessão das mãos de Dom José Elias Chaves, concedeu entrevista ao Informativo São Vicente, trazendo reflexões e memórias a respeito de quem o ajudou a confirmar sua vocação para padre, os principais desafios que enfrentou como formador, a grande lição que se apresenta via pandemia, os aprendizados obtidos por meio da convivência fraterna com os coirmãos, dentre outros assuntos que ajudam a compor uma biografia resumida, neste ano que antecede seu jubileu de 40 anos como padre. Convidamos o leitor a apreciar a conversa do ISV do mais novo septuagenário da PBCM!

ISV: *Em que momento de sua infância ou juventude o senhor decidiu ser padre?*

Pe. Onésio: Por volta dos 12 anos.

ISV: *Quais fatores contribuíram para identificar a sua vocação religiosa?*

PO: A oração em família, as tradicionais missões populares, os programas da Rádio Aparecida, com mensagens diárias dos seminaristas e do Pe. Vítor Coelho.

ISV: *O senhor destacaria alguém, em especial, que tenha sido importante no seu processo de acompanhamento vocacional?*

PO: Minha avó paterna, o Pe. Sebastião Mendes e o Pe. Márcio Grossi.

ISV: *Quais recordações cultivava a respeito de sua passagem pelos seminários, dirigidos pelos Lazaristas – em Assis, Aparecida, Petrópolis e Belo Horizonte?*

PO: A pessoa dos formadores (dos quais convivo com três deles, bem próximos); o ambiente familiar entre formandos e formadores; a fraternidade entre os colegas.

ISV: *Quais aspectos de sua formação acredita que tenham contribuído para sua atuação como Padre?*

PO: A insistência dos formadores quanto aos aspectos da corresponsabilidade, liderança, bom senso, capacitação para a vida em comunidade e para a missão. Cultivo do senso de trabalho e os cuidados na integração daquele e o lazer, esporte, descanso!

ISV: *Nestes quase 40 anos de presbiterato na Província Brasileira da Congregação da Missão, quais pontos o senhor poderia dizer que caracterizam a sua vida religiosa?*

PO: O sentido de pertença à Congregação da Missão e a Identidade do Carisma, enquanto nos faz direcionar para os Pobres!

ISV: *Como é, hoje em dia, e de que maneira poderia descrever, ao longo dos anos, a sua convivência com os coirmãos da PBCM?*

PO: “Se queres a paz, construa a paz”! Como é, para você, viver em comunidade? Para cada dia uma maneira nova para lidar com os desafios (podem ser ainda os de ontem como os de hoje), e as diferenças de pessoas e de personalidades muito nos questionam! Não deixar de sonhar a Comunidade ideal!

ISV: *A sua ordenação presbiteral aconteceu em 21 de fevereiro de 1982, pela intercessão das mãos de Dom José Elias Chaves. Há alguma cena específica ou memória auspiciosa que o senhor guarde da ocasião, que gostaria de partilhar conosco?*

PO: Foi um dia de intenso calor, mesmo que de manhã; faltou água na casa Paroquial... Na primeira missa só Dom Chaves estava de estola verde...

ISV: *No âmbito dos ofícios realizados nas localidades de Iturama, Petrópolis, Campina Verde, São Paulo, Belo Horizonte e Itapuã do Oeste, há algum trabalho que tenha sido particularmente significativo para a sua vida pessoal e sacerdotal?*

PO: Trabalhos junto ao ECC, o serviço com as Filhas da Caridade – como Diretor Provincial; assistência espiritual das Equipes de Nossa Senhora; acompanhamento espiritual de seminaristas e Religiosas.

ISV: *Qual o maior desafio encontrado no ofício de formador?*

PO: Encontrar a solução para algumas questões na dimensão da afetividade dos formandos; acreditar na pessoa de alguns formandos que trazem lacunas nas dimensões humana, intelectual, afetivo sexual, religiosa. Não ser sabedor seguro para tratar satisfatoriamente as dimensões da formação, sobretudo na dimensão humano afetiva. Aprofundamento dos estudos que atendam sobretudo na linha da psicologia e acompanhamento espiritual!

ISV: Qual conselho daria àqueles que irão desempenhar essa função?

PO: Aprofundar os estudos nas dimensões do acompanhamento espiritual e humano afetivo (psicologia); insistir na busca de esclarecimentos sobre valores e razões das buscas na realização da vocação!

ISV: Poderia nos dar um testemunho sobre a experiência obtida como Diretor Provincial das Filhas da Caridade?

PO: Foi uma feliz experiência: perceber que elas fazem com esmerado capricho, e, por vezes, com mais fidelidade, as atividades espirituais dos retiros mensais e anuais, as celebrações próprias do Carisma e dos tempos litúrgicos, os aniversários natalícios, os encontros de formação por setores; sentia-me muito respeitado e valorizado como Diretor; as visitas pastorais às Comunidades. Eram tempos de rica convivência e aprendizado! Pude resgatar com o exemplo delas, o valor da devoção mariana, particularmente a oração do “Terço”!

ISV: Qual a obra que mais o alegrou, trazendo a sensação de estar no caminho certo, no sentido da construção do reino de Deus na terra?

PO: O primeiro ano do meu ministério presbiteral, como vigário paroquial, na cidade de Iturama, Triângulo Mineiro, foi decisivo para marcar, positivamente, o início desta minha missão. A acolhida fraterna e a ótima convivência dos coirmãos, além da boa receptividade dos paroquianos, foram atitudes que muito contribuíram para uma fecunda missão naquela paróquia.

ISV: De qual tarefa realizada na PBCM o senhor mais se orgulha?

PO: De ver, hoje, tantos coirmãos que estiveram sob nossos cuidados como formandos, assumindo significativos ofícios na Congregação e sendo bons missionários! Também a tarefa de Diretor Provincial das Filhas da Caridade muito contribuiu na minha formação permanente!

ISV: Qual foi a casa ou obra mais desafiadora nestes quarenta anos de PBCM? Por qual motivo?

PO: A administração das Fazendas Reunidas, pela pouca experiência no quesito “administração”, e a ‘Formação dos nossos’, pelo desafio próprio de lidar com o ser humano, justamente no momento misterioso de sua evolução, descobertas, desafios, escolhas!

ISV: Qual é o pensamento de São Vicente de Paulo com o qual o senhor mais se identifica e por quê?

PO: “Os Pobres são meu peso e minha dor”, por esclarecer que devemos nos importar pelas suas causas, sem, no entanto, tornar mais efetivo o que possa ajudar a aliviar o que socialmente os oprime.

ISV: O que podemos aprender com a pandemia de Covid-19?

PO: Todos somos vulneráveis! Precisamos cuidar mais uns dos outros e do meio ambiente. A corresponsabilida-



Pe. Onésio, na capela do Instituto São Vicente de Paulo, em Belo Horizonte.

de torna mais forte a unidade e vê com mais realismo a importância da solidariedade.

ISV: Há algum projeto que ainda gostaria de realizar dentro da PBCM, em um futuro próximo?

PO: Contribuir para fazer do ‘Engenho’, de fato, “casa da acolhida”, da “partilha de vida”, da “Palavra” e do “Pão”, isto é, um ambiente permanente de revitalização de vidas, um rejuvenescer no espírito, na mente e no corpo!

ISV: Há algo que não perguntei, que gostaria de acrescentar?

PO: “Ser conduzido por sonhos supõe não nos deixar ser empurrados por problemas” – é preciso nos deixar ser conduzidos pelo Espírito Santo, acreditando em quem se especializa para ajudar naquelas dimensões de que mais me sinto inseguro! Ninguém é totalmente maduro que não necessite de ‘uma mão amiga e de um ombro solidário!’ ■

Frei Gilberto Teixeira da Silveira, OFM

Pe. Luiz de Oliveira Campos, CM

Nossa vocação é para a comunhão

“O projeto de Deus para cada um de nós é sempre um plano de amor. E, ao seu chamado, devemos responder com amor no serviço a Deus e aos irmãos” (Papa Francisco)

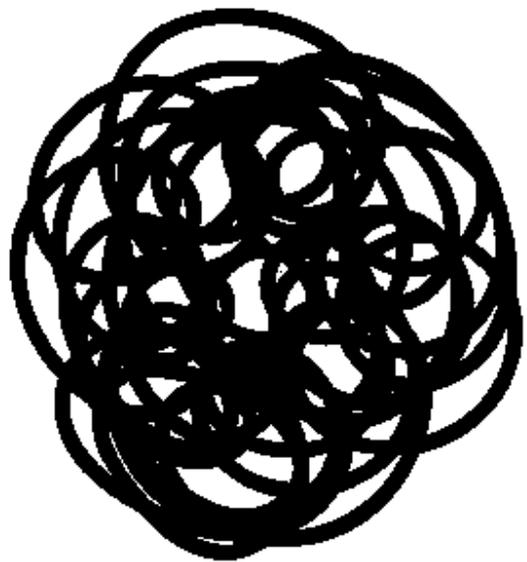
O mês de agosto é celebrado, na Igreja do Brasil, como “mês vocacional”. Este ano a Semana da Família tem especial destaque, pois está em linha com o tema anual “Família, casa da Comunhão”. Somos convidados então a olhar para a Família com um especial afeto, principalmente neste ano dedicado a São José, reconhecendo nela um espaço privilegiado de encontro com Cristo.

Em sua Exortação Apostólica *“Amoris Laetitia”*, no parágrafo 86, o Papa Francisco afirma que: “na família amadurece a primeira experiência eclesial da Comunhão entre as pessoas na qual por graça se reflete o mistério da Santíssima Trindade”. Ressalta ainda que é no espaço familiar que se aprende “a alegria do trabalho, o amor fraterno, o perdão generoso e sempre renovado e, sobretudo o culto divino pela oração e oferecimento da própria vida”.

No entanto, nos deparamos com um contexto de grandes mudanças antropológicas e culturais que têm gerado crises nas várias dimensões da nossa existência humana. Somos forçados, a todo momento, a questionar tudo e todos. Sentimentos de incertezas diante do futuro assombram muitas pessoas.

A grande oferta de “projetos de vida” torna as pessoas confusas. Um consumismo desenfreado e uma cultura narcisista fazem do gênero humano um ser parisi: vivem em função de seus desejos e projetos pessoais num misto de vitórias efêmeras e de longos períodos de tristeza e depressão. Tudo isso tem afetado a estrutura familiar e agredido a sua essência: A Comunhão. Desencontros e intolerâncias marcam a vida de muitas famílias.

Um sinal simples e evidente de que a desagregação familiar se tornou realidade pode ser avaliada pelo lugar que a mesa ocupa na casa. Qual o destaque que



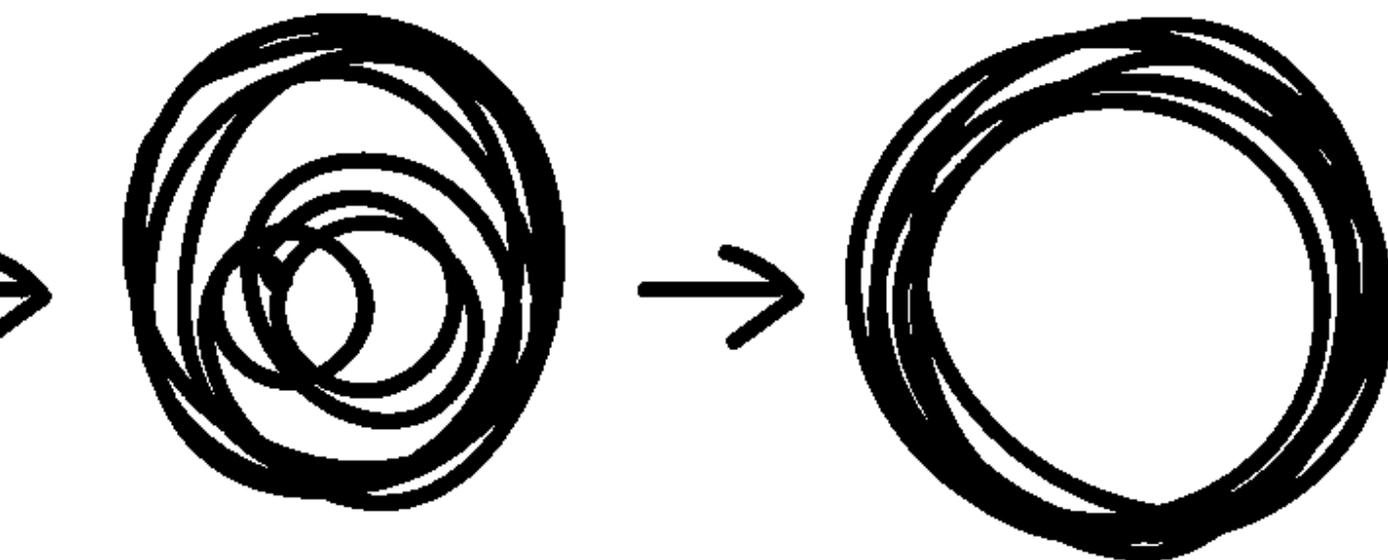
damos à mesa em nosso ambiente familiar? Temos o costume de sentarmos à mesa para as refeições, para os encontros familiares? Em muitas casas, principalmente as mais modernas, as mesas foram substituídas por balcões e convidam, pela falta de conforto, para refeições rápidas e objetivas, sem tempo e ambiente para se alimentar com a presença dos outros. Muitos optam por fazer suas refeições na companhia de tvs e computadores. Para muitos, não há tempo nem para almoçar direito. As redes de *fast food* são expressões dessa cultura de não comunhão.

Fatores sociais agravam mais ainda essa situação. Muitas famílias são privadas do essencial para uma vida digna. Cresce a desigualdade social e o número daqueles que não tem mesa pelo simples fato de não terem casa e comida. O montante de desempregados e de pessoas em alta vulnerabilidade social vem aumentando em nossa sociedade do acúmulo. São vozes que clamam por sobrevivência e comunhão.

Este contexto provoca-nos enquanto Igreja em

renovação à verdadeiras atitudes proféticas. E esse profetismo nasce no coração das famílias que despertam para a vocação essencial do cristão: vocação para o amor. Não um amor exclusivista, pois isso não é verdadeiramente amor. Jesus nos exortou que amar apenas os que nos amam não comporta nada de profético. Amar a todos indistintamente: eis a nossa vocação.

É do coração das famílias que nascem pessoas sensíveis, solidárias e profundamente corajosas para “nadar contra a corrente” de um sistema firmado em exclusões, intolerância e individualismo. É da família que brotam



atitudes de encorajamento e incentivo a gestos de doação e solidariedade. Se a família é verdadeiramente uma “Casa de Comunhão” transbordam gestos de amor para com toda a “Casa Comum”.

Tomamos a consciência de que “viver a vocação de guardiões da obra de Deus não é algo opcional, nem um aspecto secundário da experiência cristã, mas parte essencial de uma existência virtuosa” (*Laudato Si* n°217). Grandes transformações não nascem de grandes revoluções, mas do silêncio envolvente de uma pessoa em oração, de uma mão amparando outra em suas fraquezas, de um grito em favor de quem não tem voz, de pequenos gestos, mas repletos de amor e compromisso.

No entanto, seria um equívoco pensar que para ajudar a mudar essa situação, “basta que eu seja melhor”. Sim, é importante que eu seja melhor, mas é igualmente importante que eu me una a outras pessoas para que eu seja uma verdadeira Igreja em marcha (em saída), nutrida por encontros de irmãos e por atitudes

de fraternidade e solidariedade. A conversão individual deve implicar numa conversão familiar, comunitária e eclesial. Se você sonha com um mundo novo, não fique sonhando sozinho. Partilhe com sua família e com seus amigos e com sua comunidade. Procure formar redes de solidariedade (Frederico Ozanam) e comunhão.

Busque grupos que comunguem de seus sonhos e se deem as mãos e - quem sabe? - os corações. Assim, uma nova sociedade ou Comunidade se torna possível e o plano de Deus vai se tornando realidade em nossas vidas. Isso é viver autenticamente uma vocação, pois, como afirma o Papa Francisco na sua “Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*” ninguém se salva sozinho, como indivíduo isolado, mas Deus nos atrai tendo em conta a complexa rede de relações interpessoais que se estabelecem na comunidade humana. Deus quis entrar na dinâmica do povo: nossa vocação é para a comunhão. ■

Sem. Cléber Teodósio

XXXVI Encontro Nacional dos Estudantes Vicentinos

Seminaristas das três províncias da CM no Brasil reuniram-se para refletir sobre a identidade vicentina nos tempos atuais

De 26 a 30 de julho de 2021, aconteceu, em Belo Horizonte, o trigésimo sexto Encontro Nacional de Estudantes Vicentinos, no Instituto São Vicente de Paulo, intitulado “Revitalizando nossa identidade no início do V centenário da CM”. Participaram do encontro estudantes das províncias de Fortaleza e Curitiba, oito no total. A província anfitriã, Rio de Janeiro, participou também com estudantes de todas as etapas da formação. O encontro foi assessorado pelos Pe. Hugo Barcelos, CM e Pe. Alexandre Nahass, CM, e foi coordenado pelos estudantes: Adriano Pires, CM, Hudson Cardoso e Gabriel Abreu, equipe essa, acompanhada pelo Pe. Denilson Matias, CM. Além das formações, o encontro promoveu a entrega de quentinhas à pessoas em situação de rua, além de uma peregrinação ao Caraça. O encerramento se deu no Teologado, com a celebração da eucaristia, no contexto da festa de São Justino de Jacobis, seguida de um almoço, com pratos tipicamente mineiros. O encontro foi uma oportunidade de enriquecimento espiritual, carismático, fraterno e interprovincial, onde se pode sentir a aproximação e a alegria de viver e celebrar a identidade vicentina.

A partir do tema do encontro elaborou-se o seguinte acróstico:

Impelir-se pela missão
Dom e tarefa
Evangelho como base de nossa vida e missão
Necessidade de capacitação e de vida santa
Transformar a realidade em que estamos inseridos
Imbuir-se da riqueza original e criativa do carisma
Dialogar com os diferentes carismas da Igreja
Amor afetivo e efetivo para com os pobres
Distintos, mas não distantes dos demais carismas
Estar atento aos sinais dos tempos

Vida comunitária para a missão vicentina
Inventivos na caridade e zelosos na missão
Cristo é a regra da missão
Entrega a Deus, na finalidade da Congregação
Nossa vida é alimentada constantemente pela oração
Tornar Cristo e o reino de Deus conhecido aos pobres
Ir ao tesouro e extrair coisas novas e velhas
Naturalmente tornar-se amigo, evangelizador e servidor
Agentes de nossa própria formação (inicial/permanente)





Estudantes das três províncias reunidos para a celebração final do encontro.

RÁDIO VICENTINA

Em agosto de 2021, a partir das inquietudes da Confraria Vicentina de Rádio e TV, coordenada pelo Escritório Internacional da Família Vicentina e apoiada pela direção da Rádio Vicentina da CM Chile, foi iniciado o Projeto de Comunicação da referida rádio, que está no ar desde 2006, em sintonia com Jesus e os pobres.

O projeto consiste na edição quinzenal de um informativo com as principais notícias da Família Vicentina das províncias participantes, bem como de suas Igrejas locais. Os trabalhos se dão com reuniões mensais de avaliação e planejamento, elaboração de notícias em áudio, texto e imagens a serem enviadas ao editor no Chile, que as lança na Rádio Web Vicentina e nos espaços virtuais da Rádio.

Coordenam o projeto o seminarista Angel Lucena e o Pe. Carlos de la Riviera, ambos da CM Chile. Participam do projeto como "repórteres correspondentes", seminaristas de diferentes países e províncias, a saber: Jasser Siles, Danilo Eduardo e Maykol Cortes, do Chile; Miguel Angel e Luis Enrique, da Colombia/Venezuela; Harold Hernandez, do Peru; Luis Roberto e Guillermo Cambroner, de Costa Rica; Guillermo Flores, do México; Dainier Lazo, de Cuba; Antonio José, de Portugal; Manuel Galán e Pe. José Luis, da Espanha; Jorge Morlas, da Argentina; Inacio Sulumidine e Remigio Mangué, de Moçambique, Cleber Fábio e Wallace Dourado, do Brasil (Rio de Janeiro e Fortaleza, respectivamente). Há dois membros de outros ramos que também ajudam no projeto: Lorena Lázaro, Filha da Caridade, do Paraguai, e Oscar Senay, da Juventude Mariana Vicentina, da Guatemala. A tendência desse grupo é crescer. Oremos!

Atualmente está se trabalhando na 4ª edição do informativo da rádio. Para saber mais, acessar: www.radiovicentina.cl ■

Da Redação

Textos e fotos dos boxes por Pe. Louis Francescon, CM

Relatos Missionários

Padre lazarista partilha cotidiano missionário nas redes sociais

As redes sociais, quando bem utilizadas, tornam-se um rico campo de evangelização. Em sua página pessoal no Facebook, o Padre Louis Francescon, CM, tem publicado, com certa frequência, partilhas do seu cotidiano missionário. Os textos curtos, porém de rica espiritualidade e significados, transportam os amigos que o acompanham para a Missão do Vale do Jequitinhonha. Seleccionamos alguns dos textos do recém-ordenado padre, natural de Pains-MG, e com sua anuência e autorização, publicamos aqui no nosso Informativo São Vicente. Estas e outras partilhas do Padre Louis podem ser visualizadas em sua página na rede social.

Registro da comunidade onde celebrei a missa, às 9h, no Campo de São João de Cima. Contaram-me que este salão foi erguido com muito esforço e dedicação, pelo falecido Quinca Simão. Ele queria um espaço onde a comunidade se reunisse, favorecendo todas as casas do lugarejo. Há uma linda capela na comunidade, que foi construída no final da década de 1940, segundo testemunhas que ainda vivem na localidade. Mas ela fica um pouco distante das casas do salão. Assim, o Sr. Quinca resolveu favorecer a participação de todos, no salão e na Igreja, estreitando os laços de amizade e fé.

Encantado e interpelado pela liturgia de hoje, e muito agradecido pelo dom de Maria José (Zezé), que cantou impecavelmente na celebração, acompanhada pelo som do violão, o qual é tocado pelo seu esposo Rosário. Deus seja louvado por este povo que coloca os seus dons a serviço da Igreja e que ajuda na construção do Reino de Deus. Pois a liturgia deste 29º domingo do Tempo Comum trata exatamente disso: somos simples servos. Obrigado, Senhor, pela presença deste povo em minha caminhada vocacional, que muito me ajuda a seguir os passos de Jesus.



"A fé vem pelo ouvir" (Rm 10,17). A imagem mostra um homem muito sábio: Antônio. Ele testemunha que sua aprendizagem foi pelo ouvir, meio que também o permitiu conhecer e aprofundar sua fé. Filho de Vicente Rodrigues e Cristina Ferreira Dutra, ele é o primogênito de uma família numerosa. Acompanha a missa diária, e sabe contar detalhes de muitos textos bíblicos. Na imagem, ele está regando um pé de pequi, árvore comum na região. Ele tem muito cuidado com esta planta e toda vez que ele passa pela Chapada, leva um pouco de água para regá-la. Está todo feliz em ver o pé de pequi crescer e ficar robusto. A sabedoria dos mais idosos será sempre meu "evangelho na vida do povo".

O povo bíblico também aprendeu a conhecer e experimentar Deus, por meio da escuta dos magistrados: sacerdotes, levitas, doutores da lei etc. Assim, esta Boa Notícia, colhida na transmissão oral de pai para filho, tem um valor enorme. É no dia-a-dia, que os mais simples e humildes vão descobrindo as regras do bem viver e do melhor agir. Em tudo isso eu vejo a providência divina, conduzindo seu povo nas "estradas da vida": conquistas, vitórias, lutas, desafios... São pessoas como o amigo Antônio que me motivam a seguir os passos de Jesus, o Cristo, sem deixar-se esmorecer na missão e no caminho da vida: os mais simples se alegram e louvam a Deus por suas pequenas conquistas, as quais, no Reino de Deus, estão carregadas de valor evangélico. "Por eles eu me consagro" (Jo 17,19) e desejo ser evangelizado por aqueles que, como nos ensina São Vicente, "têm a segurança de viver o amor correto". Obrigado, Antônio.



A medida que o tempo passa, cresce minha admiração pelos idosos. Este é o Sr. Joaquim Gomes da Rocha (Joaquim Véio). Filho de Joaquim Gomes da Rocha e Teonília Gomes do Lino, vive numa comunidade remanescente de quilombolas. A família é conhecida pelo apelido "Véio". É um exímio fabricante de farinha de mandioca. Ele me contou como era difícil, no tempo de criança, realizar o trabalho, ensinado pelos pais, porque não havia as máquinas motorizadas como hoje. Ele mesmo disse: "Tudo era na força do braço!" Quando eu estive na comunidade, antes de ser ordenado padre, ele me deu a bênção, dizendo que o Divino Pai Eterno iria acompanhar-me e que tudo daria certo na ordenação. Reencontrando-o, hoje, ele não se esqueceu da última conversa e repetiu: "Eu falei que o Divino Pai Eterno iria levar você e te trazer de volta para ficar mais nós!".



Um sentimento carregado de bondade, ternura e afeto faz-me próximo desta gente boa. É como dizia São Vicente: "Eles têm a segurança de viver o amor correto"! E eu mesmo completo, tomando um trecho da catequese de João: "Por eles, eu me consagro!" São estas pessoas que motivam os consagrados a fazer valer a pena viver somente para o Reino de Deus. Em cada palavra do Sr. Joaquim, eu vejo a manifestação de um homem de fé, sábio, trabalhador, generoso... Virtudes que só aprendem aqueles que, de fato, sabem escutar o que diz e ensina o Evangelho. São estas pessoas que iluminam meu caminho e me ajudam a viver meu ministério (ainda tão jovem) com alegria, coragem, determinação e ousadia, sem esquecer-me do meu propósito de evangelizar os pobres e formar o clero. Deus, Obrigado!



Esta capela é fruto de uma promessa. O casal proprietário deste terreno, José Alves Teixeira Sobrinho e Joanna Alves Parreira, foi surpreendido com a enfermidade da filha mais velha, Maria de Lourdes de Faria. Na ocasião, fizeram a promessa à Nossa Senhora de Lourdes para o restabelecimento da saúde da jovem Mariquita. Não preciso perguntar se alcançaram a graça... Admira-me a capacidade e a força da oração dos pais pelos seus filhos. Admira-me mais ainda como a Sra. Nini Maneca quase não encontra palavras para explicar a preciosidade humana e cristã que foi Dona Joaninha. Raramente vemos numa pessoa três elementos caros à formação humana nutrida pela fé evangélica: sabedoria, inteligência e maturidade.

Cada vez que ouço D. Nini contar as histórias de sua mãe, chego a conclusão que D. Joaninha parece ter condensado em si essas três virtudes, ao longo de seus 97 anos de vida. Só pode alcançar tudo isso a pessoa que realmente deseja tornar-se melhor, a partir do encontro com o Deus de Jesus, que nos dá o Filho como uma enorme prova de amor e exemplo de fidelidade ao projeto dele, e ainda nos capacita com os dons do Espírito.

Agraciados por Deus, os pais viram a filha saudável, e Dona Mariquita do João Potilis viveu por mais de oito décadas. Assim, entendemos por que a capela leva o nome de "Nossa Senhora de Lourdes". Porque se trata do onomástico daquela que foi agraciada pela intercessão de Maria, na fecunda oração de seus pais. Vale a pena conhecer a beleza deste lugar e fazer uma oração a Deus. Ela se localiza na comunidade Mandembro, Pains-MG. Na Sagrada Escritura, a montanha é o lugar do encontro com Deus. Como a capela está localizada no alto, é uma rica oportunidade de cuidar da saúde física e espiritual. Deus, obrigado pelo testemunho de fé daqueles que acreditam piamente em Ti, em qualquer circunstância da vida. ■



Ordenação 1

A ordenação presbiteral do Diác. Louis Francescon Costa Ferreira, CM, foi realizada no dia 4 de setembro de 2021, na Paróquia Nossa Senhora do Carmo, em Pains-MG, por meio da imposição das mãos de Dom José Aristeu Vieira, Bispo da Diocese de Luz.



Santos Votos

É com alegria que convidamos os amigos da PBCM e toda a Família Vicentina para a celebração eucarística, por meio da qual Allan Júnio, CM, Cléber Teodósio, CM, Michel Araújo, CM, e Túlio Medeiros, CM, serão incorporados à Congregação da Missão. A cerimônia está programada para o dia 6 de novembro de 2021, às 18h, e será transmitida pelo canal da PBCM no YouTube: www.youtube.com/lazaristasbrasil.



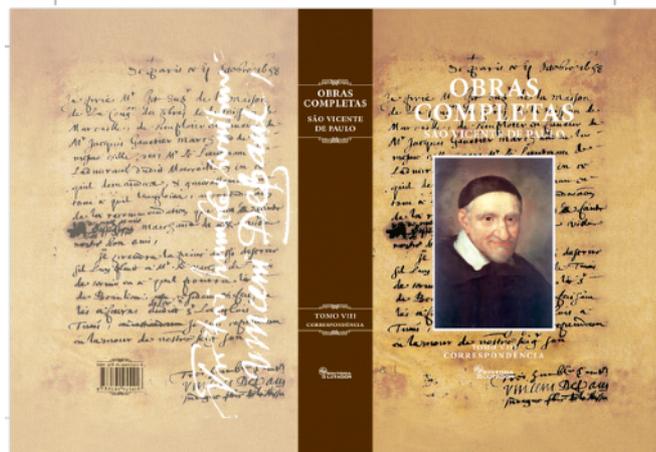
Ordenação 2

O Diác. Ezequiel Alves, CM, tornou-se padre no dia 11 de setembro de 2021, em Piracema-MG, pela intercessão das mãos de Dom Miguel Ângelo Freitas Ribeiro, bispo da Diocese de Oliveira. O tema escolhido por Ezequiel para sua ordenação foi “tu me amas, apascenta minhas ovelhas (Jo, 21,17).



Obras completas de SVP

Já está no prelo o volume VIII da coleção “Obras completas de São Vicente de Paulo”, traduzido do original em francês para o português brasileiro pela Ir. Neil Pimentel, Filha da Caridade. O anexo à edição foi traduzido pelo Pe. Getúlio Mota Grossi, CM. O tomo, a ser lançado em breve pela PBCM, traz correspondências, colóquios e documentos de 1659 a 1660, fase final da vida do santo fundador da Congregação da Missão, que merece ser conhecida e sempre revisitada.



Ordenação 3

A ordenação presbiteral do Diác. Adalberto Silva Costa, CM, será realizada no dia 13 de novembro de 2021, às 18h, na Paróquia Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, em Campina Verde-MG. A celebração eucarística será presidida por Dom Evaldo Carvalho dos Santos, CM, bispo da diocese de Viana - MA. A primeira missa a ser celebrada pelo Pe. Adalberto está prevista para o dia 14 de novembro, às 10h. Ambas as celebrações serão transmitidas pela página no YouTube do Santuário de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, de Campina verde-MG.



DICA DE FILME:**O MENINO QUE DESCOBRIU O VENTO**

Direção: Vicente Amorim

Lançamento: 2014

Disponível na Netflix

Existe algo fundamentalmente contraditório no costume de identificar casos excepcionais dentro da sociedade e utilizá-los como modelos que qualquer um poderia seguir. William Kamkwamba (Maxwell Simba) foi um garoto inteligentíssimo, autodidata, que descobriu um método de criar energia eólica no meio das terras secas do Malawi (um dos países mais pobres do continente africano), de modo a garantir a irrigação das colheitas e a sobrevivência de uma população faminta. O diretor do filme faz deste caso real um exemplo sobre a importância dos estudos, da ecologia, de políticas humanitárias e do senso de comunidade.

Em outras palavras, o garoto é orientado para caber dentro do formato narrativo e ético de uma película. Ele jamais representa a si mesmo, e sim algo muito maior: a importância das escolas, da união, da luta contra as opressões, do respeito ao próximo. Por esta razão, a história se transforma num grande tratado de valores morais que o diretor acredita serem necessários a todas as pessoas, sobretudo mostrando a triste realidade das consequências da miséria nos países africanos.

O filme torna-se uma fábula de precaução para avisar ao espectador o que acontecerá caso não coloquemos em prática os valores enunciados acima. Os símbolos a serem observados no longa metragem são claros: O céu nublado indica a chegada da chuva, mas também a tragédia na vida da família; enquanto o sol é apresentado numa fusão com os olhos do garoto, afinal, ele representa a esperança para o futuro. Não por acaso: "Vá para a escola" é uma das últimas frases pronunciadas no filme, enquanto uma prece religiosa é interrompida pela garota que prefere acreditar nos conhecimentos científicos do irmão do que esperar pelo atendimento divino.

Isso não impede que o drama carregue o olhar salvacionista que tanto incomoda em produções sobre catástrofes africanas. Mas temos uma narrativa que observa os personagens com carinho misturado a espiritualidade. A descoberta do método de irrigação é mérito do garoto, mas os letreiros finais tratam de avisar que ele saiu do país e foi completar a sua educação nos Estados Unidos,

como pareceria lógico ao pensamento europeu e americano. Mesmo assim, o resultado é uma produção polida, com fotografia bem adequada à iluminação dos personagens e o bom trabalho de direção de arte e preparação muito satisfatória do elenco.

O diretor do filme ainda encontra espaço para destacar o folclore, as diferentes línguas do país e os costumes típicos, enquanto retrata a si mesmo como a geração bondosa, porém tolhida pela dificuldade de acesso à informação. Este é claramente um filme político, ainda que a política seja compreendida menos como um conjunto de práticas sociais, pois a subtrama do governador corrupto do país fica em segundo plano. Ainda se acredita que, mediante o esforço necessário, qualquer um possa se tornar um engenheiro promissor como o personagem principal. Ingênuo ou não, este raciocínio é apresentado com uma paixão e uma honestidade inegáveis: O diretor impregna cada cena de humanismo e empatia, além de ressaltar a importância das mulheres dentro das transformações sociais.

"O Menino que descobriu o Vento" pode ajudar a pensar sobre o cinema como veículo de ensinamento. A questão é menos óbvia do que parece: A arte tem como vocação ensinar as pessoas? Transmitir valores, ensinamentos? A arte pode ser um objeto utilitário? Ou sua função estaria no despertar de senti-

dos, sentimentos, capazes de facilitar e induzir o aprendizado? Neste sentido, o diretor do filme, acredita numa transmissão direta, simples, com seu interlocutor: Ele lhe diz, com clareza, o que está acontecendo no Malawi, o que faltaria ao país e como conseguiu-lo.

Em outras palavras, oferece o problema e a solução, como um professor generoso. Ao espectador não cabe fazer muito esforço: O filme o envolve, o faz rir e chorar, entregando as informações e a recompensa prometida. No entanto, manter o espectador em posição de passividade pode ser uma estratégia contraprodutiva quando se espera um aprendizado, algo que exige, por definição, uma postura ativa contra as desigualdades sociais. ■

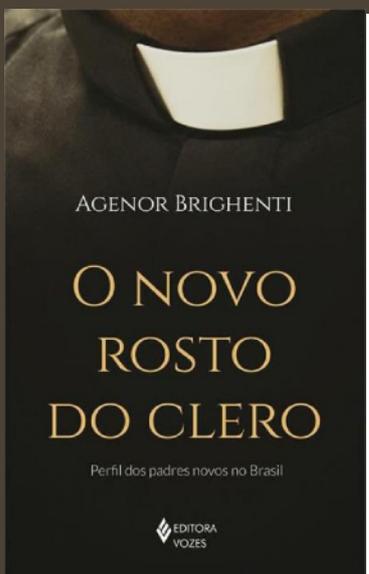
Pe. Alexandre Nahass Franco, CM

**Dica de Livro: O Novo Rosto do Clero**

Autor: Agenor Brighenti

Editora: Vozes

Nas últimas décadas tem irrompido no seio do catolicismo brasileiro e para além dele um novo perfil de presbíteros, denominados "padres novos", que por suas práticas pastorais e comportamentos pessoais têm promovido na esfera da experiência religiosa o deslocamento do profético para o terapêutico e do ético para o estético. Isso tem provocado tensões e entraves nos processos pastorais em curso, tanto entre os presbíteros nas dioceses como em relação às religiosas e aos leigos e leigas nas paróquias onde atuam. Entretanto, o novo perfil de presbíteros na Igreja Católica não é um fenômeno a ser desqualificado ou desprezado. Ao contrário, ainda que em muito se vincule a posturas pré-conciliares e à denominada "pós modernidade líquida", seu modo de ser e de agir questiona práticas eclesiais correntes, põe em xeque comportamentos costumeiros, desafiando um estudo para além de leituras ligeiras ou pragmáticas do fenômeno. Este livro apresenta parte dos dados levantados por uma pesquisa de campo levada a cabo em todo o território nacional, seguida de uma análise dos resultados, ainda que de modo preliminar, por parte de renomados teólogos-pastoralistas e cientistas sociais. ■



SOLILÓQUIO

Vão tirar o terminal do meu ônibus do centro da cidade, vão tirar do centro da cidade o meu ônibus, vão me tirar do centro da cidade?

Vão tirar da cidade o centro da cidade, vão tirar da cidade toda a cidade, vão fazer o quê da cidade?

Vão plantar uma cidade nova no lugar da cidade carcomida, vão desistir de manter as ruínas da cidade, vão decretar que cidade não é mais de a gente viver?

Vão fazer ruas de cima para baixo, em forma de cisterna, para o que já se abrem os competentes buracos e se desaconselha andar na superfície para não prejudicar as obras?

Vão me dar passagem entre o tapume e a pista de corridas, entre o poço e a poça de lama, ou não vão deixar mais que use as pernas e os pés por estarem definitivamente fora de moda?

Vão permitir que eu siga o meu itinerário de trabalho sobre a capota dos automóveis, saltando de uma para outra depois de treinado em academia de técnica pedestre, ou vão estatuir que eu e mais nove concidadãos de bom físico carreguemos nas costas o automóvel, a fim de que automóveis e nós possamos chegar a destino, passando no que outrora se chamava de rua?

Vão dizer quantas pessoas podem sair de casa, a quantas horas, por quanto tempo, e por onde será permitido caminhar, durante quantos minutos, para que as turmas seguintes não sejam prejudicadas na regalia de ir e vir na cidade entupida?

Vão acabar com a cidade, todas as cidades, vão acabar com homem e a mulher também, vão fazer o quê, depois que eles mesmos acabarem?

- Carlos Drummond de Andrade

